

EURÍPEDES

HIPÓLITO

Distribuído por www.oficinadeteatro.com

Nota prévia sobre Teseu

Nascido de Etra, em Trezena, Teseu, atingida a idade adulta, seguiu para Atenas, a fim de juntar-se a Egeu, seu pai. Em caminho, abateu os salteadores que infestavam a região. Reconhecido por Egeu, pelas armas que trazia, dele obteve participação no poder.

A esse tempo, Androgeu, filho de Minos, Rei de Creta, veio a Atenas assistir às festas de Palas. Vencedor nos jogos festivos, foi convidado a dar combate a um touro monstruoso e pereceu. Minos, por isso, declarou guerra aos atenienses e venceu-os; como tributo, impôs-lhes o envio anual de sete casais de jovens, destinados em Creta, a repasto do Minotauro, monstro de corpo humano e cabeça de touro, encerrado no Labirinto, palácio de salas incontáveis, onde os estranhos se perdiam e não achavam a saída.

Teseu se ofereceu como voluntário num desses grupos e, chegando à ilha, despertou o amor da Princesa Ariadne; esta ensinou-lhe como abater o Minotauro e como achar a saída, servindo-se dum novelo, cuja ponta ficara presa à entrada. Após a façanha, ele escapou, levando consigo para o mar, além dos companheiros, a princesa. Esta, porém, sofria terrivelmente de enjôo e teve de ser deixada numa ilha, onde, ulteriormente, foi recolhida por Dioniso, como amante.

Morto Egeu, Teseu subiu ao trono e foi dar combate às Amazonas, tribo de mulheres guerreiras, que não admitiam homens em seu meio. Elas, porém, receberam-no cordialmente. Levou algumas delas a bordo e zarpou, raptando-as. Tomou uma delas como esposa, Antíope ou Hipólita, de quem nasceu Hipólito. As Amazonas, indignadas, vieram deitar cerco a Atenas. A guerra foi longa e numa das batalhas sucumbiu Antíope, lutando ao lado de Teseu.

Já entrado em idade, Teseu desposou Fedra, irmã de Ariadne.

Personagens

Cípris: Também chamada de Afrodite, deusa do amor carnal, da sensualidade e da beleza. Mãe de Eros, o Amor.

Ártemis: ou Febe, a luminosa, filha de Zeus e Leto, irmã de Apolo, o Sol, é a divindade lunar, virgem, protetora da castidade e da caça, bem como das parturientes.

Teseu: rei fabuloso de Atenas, que libertou da sujeição, a Minos, de Creta. Filho de Etra e Egeu, supunha-se que o era de Posídon, rei do mar. De seus amores com Hipólita, rainha das amazonas, nasceu Hipólito. Em idade avançada, casou com Fedra.

Hipólito: filho natural de Teseu e da amazona Hipólita, é casto, devoto de Ártemis, gosta de caçadas e de corridas de carros.

Fedra: filha de Minos, Rei de Creta.

Ama: velha cretense, confidente de Fedra.

Outros: Mensageiro, caçadores, servos e aias.

Coro: Damas de Trezena. Dançarinas, evoluem no proscênio no intervalo dos episódios, ao som de flautas e ao ritmo de timbales, enquanto uma, destacada do grupo, declama; a dança deve interpretar o recitativo. Nos episódios, retiram-se para as alas, salvo a que intervém no diálogo.

Cenário: Jardim do palácio de Teseu, cuja entrada se vê ao fundo. Sobre pedestais, uma à direita e outra à esquerda, as imagens de Cípris e de Ártemis.

Prólogo

Cípris *(surgindo do jardim.)*

Meu nome é poderoso e celebrado sobre toda a terra e no céu. Chamo-me Cípris. De quantos vêem o sol e a terra habitam entre as colunas de Héracles e o ponto¹, aos que veneram meu poder, amparo, nos que me votam ao desdém, esmago. Também aos seres divinais dão gosto as homenagens dos mortais. Em breve hei de provar essa verdade. Hipólito, filho de Teseu e da Amazona, criado pelo avô, Piteu, o casto, é o único em Trezena a declarar-me a deusa mais abjeta e, rejeitando as delícias do leite, não se casa. Devoto de Ártemis, irmã de Febo, filha de Zeus, entende que ela seja das deusas a maior; segue essa virgem nas verdes selvas, com veloz matilha, exterminando as feras do país, desfrutando um convívio alto demais para um simples mortal. não vejo nisso razões para ciúme; que me importa? Mas, sim, pelas afrontas a meu nome, vou-me vingar do moço e há de ser hoje. Há muito venho executando os planos; mais um ligeiro esforço e os levo a cabo! Um dia, Hipólito seguiu viagem da mansão de Piteu para assistir a mistérios augustos celebrados na terra de Pandião². Foi onde Fedra, a nobre esposa de seu pai, o viu desde logo, por desígnios meus, uma paixão voraz lhe ardeu no peito. Ora, Teseu, que derramara o sangue dos filhos de Palante³ e se devia purificar no exílio por um ano, fêz-se de vela do país de Cécrops⁴ e veio para aqui, trazendo a esposa. A pobre, desde aquele dia, mirra-se a gemer em silêncio, mal-ferida dos aguilhões do amor; ninguém, na casa, conhece a natureza do seu mal. Porém, não há de ser assim que acabe a história desse amor; farei que, enfim, Teseu o saiba e venha à luz o escândalo. Esse moço que a mim declarou guerra, o pai o há de matar com suas pragas, que, a Teseu, Posidão, senhor do mar, prometeu lhe seriam atendidos três votos formulados a seu nume. Fedra achará na morte a sua glória, mas terá de morrer; não há de ser em comiseração de suas penas que um inimigo meu se veja a salvo duma desforra tal que me contente. *(Ouvem-se, dentro, vozes cantando ao longe.)* Avisto o filho de Teseu, Hipólito, de volta das fadigas da caçada; afasto-me, por isso, do caminho. Um cortejo de servos o acompanha cantando hinos a Ártemis. não sabe que, em par, as portas do Hades se lhe abriram e é esta a derradeira luz que enxerga. *(Desaparece no jardim.)*

¹ Colunas de Héracles, nome antigo de Gibraltar; Ponto, ou Ponto Euxino, é o Mar Negro.

² Um dos reis mitológicos de Atenas.

³ Primos de Teseu, que se conluíram para tomar-lhe o trono.

⁴ Herói mitológico, fundador de Atenas.

Hipólito *(entra, em trajes de caçador, seguido de outros caçadores armados de arcos, zagunchos e aljavas; traz nas mãos uma grinalda de flores)*

Vinde comigo, vinde. A Ártemis celeste, filha de Zeus, cantemos, à nossa protetora.

Caçadores e Servos *(rodeando a imagem de Ártemis)*. Salve, augusta senhora, ó progênie de Zeus! Salve, filha de Leto, que a todas as donzelas superas em beleza e, poderosa, habitas a celestial morada dos palácios dourados de Zeus, teu nobre pai! Salve, Ártemis, formosa entre as formosas virgens de todo o Olimpo! Salve!

Hipólito *(de pé diante da imagem, com a grinalda nas mãos, num gesto de oferta)*

Senhora, eu te ofereço esta capela, por minhas mãos trançada e embelecida. Trago-a dum prado virgem, onde nunca ousaria um pastor pascor seu gado, nem arado sulcou; na primavera, cruzam abelhas a campina virgem, que o Pudor orvalhou com águas vivas para deleite reservado àqueles a quem a natureza, e não o ensino, dotou duma pureza igual em tudo, e onde aos impuros é vedado entrar. *(Coroando a imagem.)* Recebe, pois, senhora muito amada, de minhas mãos devotas, êste adorno em teus cabelos de ouro. Dentre os homens, gozo só eu do excelso privilégio de acompanhar-te e de falar contigo; escuto a tua voz, mau grado nunca contemplem os meus olhos teu semblante. Dá-me que chegue ao termo da existência imaculado como a comecei.

(Vai retirar-se, quando um servo idoso se adianta da comitiva e o atalha.)

Servo

Meu príncipe - que aos deuses se reserva o nome de senhor - aceitarias de teu servo um conselho bem pensado?

Hipólito

Por certo! Aliás, mostrar-me-ia estulto.

Servo

Sabes o que é normal na Humanidade?

Hipólito

Não sei. A que propósito o perguntas?

Servo

Odiar a soberbia, o retraimento.

Hipólito

Com razão; a ninguém pesa o modesto.

Servo

E aos afáveis não toca a benquerença?

Hipólito

Muitíssima, e proveitos sem esforço.

Servo

Crês que se passa o mesmo com os deuses?

Hipólito

Se deveras as normas são iguais...

Servo

Por que recusas culto a deusa certa?

Hipólito

A qual? mas não te enganes no que dizes!

Servo

Ei-la em frente ao teu lar, a augusta Cípris.

Hipólito

Saúdo-a de longe, pois sou casto.

Servo

No entanto, é augusta e célebre entre os homens.

Hipólito

Cada homem ou deus com os seus gostos.

Servo

Filho, devemos prestar culto aos deuses.

Hipólito

As religiões da noite não me agradam.

Servos

Que penses bem e possas ser feliz.

Hipólito

Debandar, companheiros! Ao almoço! Depois da caça, é bom a mesa cheia. *(Ao servo:)* É preciso escovar os meus cavalos; eu os quero atrelar depois do almoço para um bom treinamento. À tua Cípris, as minhas copiosas saudações! *(Faz uma reverência irônica à imagem e sai pelo jardim, seguido da comitiva.)*

Servo *(prosternado diante da imagem de Cípris)*

Eu, contudo, senhora minha Cípris, já que não devo acompanhar o exemplo dos moços que alimentam tais idéias, murmuro a minha prece à tua imagem na linguagem humilde dos escravos. É preciso que sejas indulgente para com as palavras impensadas que se proferem no verdor dos anos. Faze de conta que tu nada ouviste; um deus deve pensar melhor que os homens.

(Levanta-se e sai.)

Párodo

Coro *(entra dançando; uma coreuta se destaca e declama).*

Eu conheço um penhascal donde uma nascente brota;
dizem que vem do oceano a água que ali borbota.
Tombando de altas escarpas, um poço chegou a abrir
tão fundo que a gente pode nele o cântaro imergir.
Uma de minhas amigas lavava no manancial
os seus mantos purpurinos e, depois, no pedregal
aquecido pelo sol, os estendia a secar.
Foi essa amiga a primeira que as novas me soube dar.
Recolhida a sua alcova, a nossa amada rainha
ficou retida no leito por doença que a definha;
com a sombra de cendais a loura cabeça cobre;
é hoje o terceiro dia que, por sua boca nobre,
em sua casta pessoa, a nutri-la não penetra
a semente produzida nas searas de Demetra⁵.
Mirrando de mal secreto, espera que cedo aporte
o barco de sua vida às ribas fatais da morte.
De Pá ou de Hécate⁶, ó moça, não estarás possuída?
ou de augustos coribantes não estarás aturdida?

⁵ Demetra, ou Deméter, é a deusa das forças produtoras da natureza, protetora da agricultura.

⁶ Outra invocação de Ártemis, como guia das regiões obscuras da terra e do inferno.

ou foi a Mãe das Montanhas?⁷ O mal que assim te amofina
são faltas por que te pune a caçadora Dictina?⁸
Omitiste uma oferenda àquela, deidade⁹ que erra
sobre as espumas do mar e vagueia sobre a terra?
Ou, quem sabe, teu esposo, capitão dos Erectidas¹⁰,
de tão nobres ascendentes, tem paixões, desconhecidas
de teu leito, nestes paços? Ou será que um mensageiro
partiu de Creta trazendo a este porto hospitaleiro
notícias de alguma afronta à nossa nobre rainha,
que, por isso, em sua alcova, sofrendo a mágoa definha?
Com a índole difícil, na mulher, se casa o empenho
dos partos e dos desvaios. Tive um dia esse tropeço;
rugia em minhas entranhas essa terrível tormenta;
orei à deusa frecheira¹¹, que as parturientes alenta.
Desde aí, nas minhas preces, honro de modo especial,
na companhia dos deuses, a Ártemis celestial.

(Cessa o bailado; abre-se a porta ao fundo e saem servas que transportam Fedra numa maca, entre elas a Ama.)

Coreuta

Mas eis diante da porta a velha ama, que a traz cá para fora. Seu semblante duma nuvem sombria se carrega. Estou ardendo por saber ao certo de que mal a rainha se consome.

PRIMEIRO EPISÓDIO

Ama

Ó males que afligis a Humanidade! Execráveis moléstias! O que devo fazer por ti? O que fazer não devo? Ai tens a luz, o éter luminoso; trouxemos para fora do palácio o teu leito de enferma; só falavas em vires para cá, mas sem demora insistirás em retornar à alcova! Mudas depressa e nada te contenta; nunca te agradas do que tens a mão, achas sempre melhor o que está longe. Ai! antes ser doente que enfermeira, porque a moléstia é um sofrimento só, mas às fadigas da enfermeira soma-se a dor do coração. A vida humana é contínuo penar que não dá tréguas, mas, se algo existe mais de amar que a vida, acha-se envolto em sombra, oculto em névoas. Nosso apego ao que brilha sobre a terra, seja o que for, se

⁷ Cíbele, divindade frígia.

⁸ Uma das acompanhantes de Ártemis.

⁹ Afrodite, ou Cípris.

¹⁰ Descendentes de Erecteu, ou seja, Atenienses.

¹¹ Ártemis era profeta das parturientes.

deve à inexperiência duma outra vida, deve-se ao mistério que nos esconde o mundo subterrâneo, deve-se a mitos vãos que desnorteiam.

Fedra (lastimosa)

Soerguei o meu corpo; aprumai-me a cabeça. Sinto desconjuntados estes míseros membros. Erguei, ó minhas aias, estes formosos braços. Ama, tira-me a touca; está muito pesada; desfaze as minhas tranças e deixa-me os cabelos caídos sobre os ombros.

Ama (obedecendo)

Filha, coragem! Pára de mexer-te com tanta impaciência. Sossegada, suportarás melhor tua doença com tua nobre força de vontade. Sofrer é o destino dos mortais.

Fedra (delirando)

Ai! quem me dera haurir duma nascente fresca uns goles de água pura! Quem dera repousar nos tufos dum vergel, à sombra dos olmeiros!

Ama

Que exclamações são essas, minha filha? Por que hás de suspirar por mananciais, se há uma fonte na encosta, ao pé dos muros, onde podes saciar a tua sede?

Fedra (delirando)

Mandai-me para os montes. Desejo ir à floresta, percorrer os pinhais, onde correm matilhas, perseguindo na caça as corças mosqueadas. Pelos deuses! eu ardo por açular os cães, por disparar, ao nível da loura cabeleira, o zaguncho, tessálio, presa a lança na mão!

Ama

Que desejos são esses, filha minha? Por que hás caçadas também tu? Não profiras jamais diante palavras inspiradas de loucura!

Fedra (delirando)

Ó Ártemis, senhora de Limna¹² junto ao mar, senhora dos hipódromos onde tropéis retumbam, quem dera me encontrasse domando em tuas pistas os potros da Venézia!

¹² Praia próxima de Trezena; havia ali um ginásio de atletismo.

Ama

Que palavras malucas tu proferes! Querias, inda há pouco, ir às montanhas, sonhavas em caçar; agora queres descer à arena e desbravar potrancas! Só um grande adivinho saberia qual o deus que sacode o teu bridão e imprime um cunho falso em tua mente!

Fedra

Pobre de mim! Que fiz? A que distância do bom senso vagou a minha mente? Delirei; algum nume desvairou-me! Ai! que desgraça! Cobre-me de novo a cabeça, mãezinha! Tenho pejo de quanto disse. Esconde as minhas faces; o pranto se derrama de meus olhos e meu olhar se embaça de vergonha. Conquanto o desvario seja um mal, restaurar a razão é dolorido. Bem melhor é morrer na inconsciência!

Ama *(velando o rosto de Fedra)*

Escondo, sim, mas quando este meu corpo a morte ocultará? Muitas lições já me ensinou a minha longa vida. As afeições humanas deveriam ser moderadas, nunca penetrando no âmago das almas; os apegos do coração deviam ser mais frouxos, mais fáceis de soltar e de aderir. É fardo demasiado para uma alma sofrer por duas, como estou sofrendo eu por ela e por mim. Normas de vida irredutíveis, dizem, ocasionam mais desenganos que satisfações e são antes nocivas à saúde. Sou de opinião, por isso, que mais vale o meio-termo¹ do que a demasia. E os sábios hão de concordar comigo.

Coro

Anciã, fiel ama da rainha, estamos observando o que se passa com a desditosa Fedra, mas ainda não sabemos qual é sua moléstia. Queríamos que tu no-lo dissesses.

Ama

Bem que indaguei, mas ela não responde.

Coro

Nem sabes qual a causa de seus males?

Ama

Dá no mesmo, pois ela tudo cala.

¹ Nada em excesso, máxima atribuída a Quilão, um dos sete sábios.

Coro

Que fraqueza! Que corpo tão mirrado!

Ama

Pudera! Faz três dias que não come!

Coro

Enlouqueceu? ou quer buscar a morte?

Ama

Quer morrer, acabar-se pela fome!

Coro

Espantoso ! E o marido se conforma?

Ama

Ela esconde o seu mal, nega a doença.

Coro

Mas ele não o nota em suas faces?

Ama

Sucede que está fora, viajando.

Coro

Tu, por que não a forças a dizer qual a moléstia, a causa do delírio?

Ama

Tudo que pude, fiz sem resultado. Mas não vou desistir de meus esforços; tu, presente, serás a testemunha de meu devotamento a meus senhores nesta desgraça. (*A Fedra:*) Vamos, minha filha, esqueçamos nós ambas as palavras que trocamos há pouco; de teu lado, faze-te dócil, abre o sobreceño e um caminho à razão; de minha parte, deixando a trilha errada que seguia contigo, empregarei melhor linguagem. Se padeces de mal que o pejo cala, estão aqui mulheres que to acalmem; mas se o que tens pode contar-se aos homens, vamos levar aos médicos o caso. Vamos, por que não falas? Minha filha, tu não deves calar-te, mas, se eu erro, ralhar comigo e, se, ao contrário, acerto, aquiescer ao que digo. Fala, vira teu olhos para cá. Pobre de mim! Senhoras, são baldados meus esforços; não avancei um passo de onde estava. Antes, minha insistência a não dobrava; agora, não se deixa

persuadir. Bem, Sabes? - muito embora diante disto sejas mais insensível do que o mar - morrendo, trairás teus próprios filhos, que não terão quinhão nos bens paternos; juro-o pela Amazona cavaleira, que gerou um senhor para os teus filhos, um bastardo com fumos de legítimo. Tu o conheces bem; falo de Hipólito.

Fedra

Ai!

Ama

Afinal, tocou-te essa ameaça?

Fedra

Tu me matas, mãezinha! Eu te suplico pelos deuses, não fales nesse homem!

Ama

Vês? Não queres, embora em são juízo, poupar a vida para o bem dos filhos!

Fedra

Amo, sim, a meus filhos! Mas arrosto tormenta bem diversa da que pensas.

Ama

Filha! Trazes as mãos limpas de sangue?

Fedra

É cá no coração que trago a nódoa!

Ama

Malefício de alguém que te quer mal?

Fedra

Contra a minha vontade e contra a sua, um de casa causou a minha perda.

Ama

Faltaria Teseu para contigo?

Fedra

Longe de mim lançar-lhe tal afronta!

Ama

Então, que grande mal te impele à morte?

Fedra

Deixa-me errar; meus erros não te alcançam.

Ama (*de joelhos, agarra-lhe as mãos*).

Culpada és tu, só tu, do meu malogro.

Fedra (*desvencilhando-se*).

Agarras minhas mãos² para forçar-me?

Ama (*abraçando-lhe os joelhos*).

Os joelhos também e não os largo.

Fedra

Desgraçada de ti, se o mal desvendas!

Ama

Muito mais desgraçada, se me faltas!

Fedra

Seria a tua morte... e a minha glória!

Ama

E essa glória não queres revelar-me?

Fedra (*evasiva*)

Quero sair com honra de um desdouro.

Ama

Então, fala e serás glorificada.

Fedra (*tentando repelir a Ama*)

Vai-te, em nome do céu! Solta-me as mãos!

Ama

Não, porque tu não me atendeste ainda.

Fedra

A religião obriga-me a ceder a teu gesto de súplica. Direi.

² Agarrar as mãos ou abraçar os joelhos eram gestos de súplica muito poderosos.

Ama

Calo-me, enfim; ora a palavra é tua.

Fedra

Ó minha mãe, que estranho amor tiveste!³

Ama

Tu queres referir-te àquele touro?!

Fedra

Tu, pobre irmã, esposa de Dioniso!⁴

Ama

Difamas a família?! que há contigo?

Fedra

A terceira infeliz sou eu, que morro.

Ama

Onde queres chegar? Tu me estarreces.

Fedra

A nossa desventura vem de longe.

Ama

Eu não entendo nada do que dizes.

Fedra

Pudesses tu guiar minhas palavras!

Ama

Devera adivinhar os teus segredos.

Fedra

Na linguagem dos homens, que é amor?

Ama

Tudo que há de mais doce... e mais amargo.

³ Pasífae, esposa de Minos, apaixonou-se por um touro branco.

⁴ Ariadne, abandonada por Teseu na ilha de Naxos, foi ali encontrada por Dioniso, que a raptou para uma mansão secreta.

Fedra

Só me foi dado conhecer-lhe o travo.

Ama

Que dizes, filha? Estás amando? A quem?

Fedra

Esse quem-quer, que é filho da Amazona...

Ama

Hipólito?!

Fedra

Disseste-o tu, não eu.

Ama

Ai de mim! Que me dizes, minha filha? Tu me matas! Senhoras, esta dor é demais para que eu a agüente viva. Odeio o dia, odeio a luz que vejo. Vou-me precipitar, vou-me atirar, vou-me livrar da vida pela morte. Adeus! Não vivo mais, se um peito honesto, mau grado seu, abriga amor culposo. Cípris não é apenas uma deusa; é muito mais, se pode desgraçar-nos a mim, minha rainha e sua casa!

Coro

Ai! escutastes? Ai! não ouvistes nossa rainha contar seus males? Coisa horrorosa! Coisa inaudita! Antes a morte, mísera amiga, do que a loucura que te acomete. Que sofrimentos, ó desditosa! De que misérias vive o mortal! Estás perdida; tu expuseste tuas desgraças à luz do sol! O dia de hoje que te reserva? Algo de estranho vai suceder. Desventurada filha de Creta, tornou-se claro que fim medita a deusa Cípris para teu fado.

Fedra

Ó damas de Trezena, que habitais a linde extrema do país de Pélops⁵, no decorrer duma vigília longa, eu tive ocasião de refletir em como se corrompe a vida humana. Não me parece que as ações culposas sejam intencionais, pois quase todos os homens são dotados de razão. Devemos encarar assim os fatos: aprendemos o bem e o conhecemos, mas não o praticamos por preguiça ou por lhe preferirmos o prazer. Muitas delícias proporciona a vida: longas conversações, a ociosidade - deleitoso

⁵ A Argólida.

pecado! - e o pundonor; mas este se desdobra em um que é bom e em outro que é o flagelo das famílias. Se as circunstâncias fossem sempre claras, dois nomes haveria a distingui-los. Depois que me ocorreram tais idéias, não há filtro capaz de as destruir e devolver-me à prístina ignorância. Direi também quais foram as veredas das minhas reflexões: assim que Amor⁶ me feriu, estudei de que maneira lhe poderia resistir melhor. Foi meu primeiro passo silenciar, ocultar a doença; não se deve confiar na língua, que, se para os outros é capaz de conselhos oportunos, causa a si mesma os mais severos danos. Depois, quis dominar esta loucura, vencendo-a pela força da razão. Por fim, ante o malogro desses meios, deliberei morrer - resolução incontestavelmente a mais louvável. Se é para a minha glória, que não fique em segredo; se for para a vergonha, que não conte com muitas testemunhas. Sabia que o pecado é desonroso e que a moléstia nada tem de nobre; ademais, tinha plena consciência de que, por ser mulher, seria objeto do desprezo geral. Assim pereça de má morte a primeira que manchou o seu leito acolhendo homens estranhos! Entre as mulheres das famílias nobres é que surgiu o exemplo desse vício. Quando o fidalgo adota uma indecência, logo o plebeu a julga de bom-tom. Odeio aquelas que se dizem castas, mas a ocultas se atrevem ao pecado. Deusa do mar, senhora minha Cípris, como podem ter elas a coragem de encarar os maridos, sem temerem que as trevas cúmplices, ou que as paredes possam vir a falar? O que me mata, amigas, é o temor de que algum dia me descubram culpada da desonra do marido e dos filhos que gerei. Oh! não! Mas possam eles, livres, francos, crescer morando na afamada Atenas, gabando-se da mãe que os pôs no mundo! Pouco importa que um homem seja altivo; a consciência dos erros de seus pais fará dele um escravo. Diz o adágio: só o valor duma alma honrada e justa se compara ao valor que tem a vida. Quando a hora soa, o tempo denuncia os seres maus, mostrando-lhes o espelho, como a uma donzela. Oxalá nunca me veja com tal gente confundida!

Coro

Ai! a virtude é sempre um dom honroso e frutifica em glória entre os mortais.

Ama

Senhora, há pouco a tua desventura me colheu de surpresa e estarreceu. Agora, compreendo que fui tola; deveras, a segunda

⁶ Eros, o Amor, era filho de Afrodite; representavam-no como um menino de colo, armado de arco e aljava; suas frechadas ocasionavam o amor.

reflexão tem mais sabedoria nos mortais. De fato, nada tem de extraordinário nem é incompreensível o teu caso. As iras duma deusa desabaram sobre tua cabeça; estás amando; que há nisso de espantoso? A muita gente sucede o mesmo. E amor é lá motivo de pensares na morte? Se é mister que morram os amantes do presente e os do porvir, então que vale o amor? Quando Cípris ataca violenta, é inútil resistir. A quem a acolhe, ela vem de mansinho; mas se encontra um cheio de soberba e presunção, que pensas que ela faz? Dele se apossa e ceva nele a sanha! Cípris vive nas alturas do céu e nas ondas do mar; dela tudo provém; ela semeia e distribui o amor, do qual brotamos todos nós que nascemos sobre a terra.

Os que possuem velhas escrituras e andam sempre metidos com as Musas sabem que um dia Zeus ardeu de amores por Sêmele⁷ e que Aurora, a refulgente, se apaixonou por Céfalos⁸, raptou-o, para junto dos deuses o levou. Nem por isso mudaram-se do céu, fugindo para longe das deidades; conformaram-se, creio, com a derrota. Não hás de resignar-te também tu? Se a essa lei recusas obediência, então teu pai te deve ter gerado dum modo especial, sob outros deuses. Cuidas tu que são poucos os sensatos que, vendo conspurcados os seus leitos, fazem de conta que não viram nada? Quantos pais não ajudam os seus filhos a suportar o mal do amor culpado! Ignorar a vergonha - eis o preceito da prudência dos homens. Não se deve levar a vida por demais a sério; nem mesmo o teto que nos cobre a casa sabe a gente assentar com perfeição. Caída num destino como o teu, achas que podes escapar nadando? Humana, debes dar-te por feliz, se as virtudes superam teus defeitos. Vamos, querida filha, vamos! Chega de pensamentos maus e presunções! Outra coisa não é que presunção quereres triunfar sobre uma deusa. Ama sem medo; um nume assim o quer! Estás doente? Vamos ao remédio, a um bom remédio! Existem versos mágicos, há fórmulas de encanto! Há de encontrar-se algo que seja a cura de teus males. Palavra! Tarde os homens achariam as soluções, não fossem as mulheres.

Coro

A solução que essa mulher sugere na presente desgraça é a melhor; mas louvo a tua, Fedra. Todavia, este louvor não te acabrunha menos que as sugestões e dói-te mais ouvi-lo.

⁷ Baco, Dioniso ou Iaco, filho de Zeus e Sêmele, princesa tebana que pereceu de deslumbramento ao contemplar Zeus em todo o esplendor. Zeus encerrou na própria coxa a criança que ela trazia no ventre e assim Baco nasceu duas vezes. Inventor do vinho, era seguido das ménades ou bacantes, mulheres embriagadas.

⁸ Céfalos, filho de Hermes.

Fedra

Eis aí a razão por que perecem cidades bem regidas e famílias; a excessiva beleza dos discursos. O que é mister dizer não são palavras que agradem aos ouvidos, mas aquilo que assegure melhor reputação.

Ama

Que te adianta falar em tom solene? Precisas, não de arengas primorosas, mas daquele varão. É necessário por tudo em pratos limpos quanto antes, contando-lhe o que sentes, sem rodeios. Se estivesses senhora de ti mesma, nem tivesses a vida em tal perigo, eu não te levaria a ele nunca, apenas para o gozo de prazeres; quando, porém, se trata duma luta para sobreviver, que mal há nisso?

Fedra

Que horror! Põe uma tranca nos teus lábios e cala essas idéias indecentes!

Ama

São indecentes, mas convêm-te mais que as decorosas. Vale mais a falta que há de salvar-te a vida do que a fama que te fará gloriosa, mas defunta.

Fedra

Pelos deuses te peço, não prossigas. Tu argumentas bem, mas não tens pejo e eu, que venho de Amor tão trabalhada, se falares tão bem sobre o pecado, acabo sucumbindo ao mal que evito.

Ama

Se tu pensas assim, por que pecaste? Mas, se amas, dá-me ouvidos. O favor é de somenos; veio-me à lembrança que tenho em casa filtros amorosos que podem, se tu fores animosa, por cobro, enfim, a teus padecimentos, sem desdouro nem danos a tua alma.

Fedra

É uma untura ou remédio de tomar?

Ama

Não sei; contenta-te com os efeitos, minha filha, e não queiras saber mais.

Fedra

Não levarás longe demais tua arte?

Ama

Deixa por minha conta, minha filha; essas coisas, eu sei como arranjá-las. Apenas, tu, senhora minha, Cípris, deusa do mar, ajuda-me; o que penso, basta dizê-lo a amigos mais chegados.

(*Sai.*)

Primeiro Estásimo

Estrofe primeira

Amor, Amor,
que instilas pelos olhos o desejo
e volúpias infundes
n'alma daqueles a quem dás combate,
oxalá nunca
te reveles a mim com a desdita,
nem me ataques além de minhas forças.
Dardos não têm o fogo e os astros
iguais aos que dos braços de Afrodite
com mão certa
desfere Amor, filho de Zeus.

Antístrofe primeira

Em vão, em vão
hecatombes a Hélade acumula
junto às bordas do Alfeu⁹
ou sob o teto da morada augusta
de Apolo em Delfos,
se o culto não prestamos que se deve
a Amor, o rei dos homens, o guardião
da amada alcova de Afrodite,
que dos mortais não se aproxima nunca
sem arrasá-los
com toda sorte de flagelos.

Estrofe segunda

A poldrinha de Ecália¹⁰,
antes nunca ajoujada,

⁹ Rio da Arcádia

¹⁰ Íola, princesa da Ecália, filha de Éurito, levada prisioneira por Héracles, foi sua amante.

que o leito de homem ou de esposo
desconhecia ainda,
raptou-a Cípris da mansão de Êurito,
qual uma náíade possessa
ou qual bacante em transe,
em meio ao sangue, às chamas
e aos cânticos de morte,
e a uniu ao filho de Alcumena!¹¹
Ó bodas sem ventura!

Antístrofe segunda

Santos muros de Tebas!
O manancial de Dirce!¹²
Vós poderíeis atestar
como Cípris ataca!
Quando, entre raios e fulgurações,
casando estava a mãe de Baco
duas vezes nascido,
ela aprestou-lhe um leito
não de amor, mas de morte!
Terrível sopro em torno espalha
num voejar de abelha!

Segundo Episódio

(Vozearia dentro do palácio, de Hipólito irado e da Ama suplicante.)

Fedra

Senhoras, silenciai! Estou perdida!

Coro

Que ocorre de terrível no palácio?

Fedra

Psiu! Deixa que eu distinga aquelas vozes.

Coro

Calo-me, mas agouro uma desgraça.

¹¹ Alcumena, esposa de Anfitrião, amada por Zeus, dele concebeu Héracles.

¹² Rainha cruel de Tebas, foi, pelos filhos de Antíope, sua vítima, amarrada aos cornos dum touro selvagem e, depois de morta, lançada numa fonte.

(Vozearia mais próxima, ainda confusa)

Fedra

Pobre de mim! Desventurada, que sofrimentos são os meus!

Coro

Qual a razão daqueles brados? Qual a razão desse teu grito? Dize, mulher, qual a palavra que o coração te assalta e aterra?

Fedra

Estou perdida! Vem até a porta escutar o fragor que desabou.

Coro *(recuando)*

A ti que te achas junto à porta compete ouvir o que lá dentro estão dizendo. Fala, conta-me que desventura aconteceu.

Fedra

É o filho da Amazona cavaleira, Hipólito, que aos brados injuria com pesados insultos minha serva.

Coro

Estou ouvindo a bulha, mas não posso distinguir que palavras teus ouvidos apreenderam através da porta.

Fedra

Uma coisa está clara; deblatera contra uma alcoviteira abominável que ousa trair o tálamo do amo.

Coro

Foste traída, amiga; atraçou-te quem queria o teu bem. Não há remédio, se vieram a lume os teus segredos.

Fedra

Pobre de mim, desventurada! Ela causou minha ruína ao revelar minha desdita!

Coro

Procurou remediar tuas desgraças, com afeição, porém com desacerto. E agora? Que farás, se é irreparável?

Fedra

Não sei; não vejo mais que uma saída; morrer quanto antes, único recurso contra a calamidade desta hora.

Hipólito *(Abre-se a porta do palácio e sai Hipólito gesticulando indignado seguido da Ama em prantos.)*

O Terra Mãe! Ó radiações do Sol! que propostas nefandas escutei!

Ama

Cala-te, filho; olha que te escutam!

Hipólito

Como calar, se ouvi coisas hediondas?!

Ama *(de joelhos, tenta agarrar a mão de Hipólito, que o evita; abraça-lhe, então, os joelhos).*

Oh! Sim! Por essa bela mão te peço!

Hipólito

Tira essa mão! Não toques o meu manto!

Ama

Não dês cabo de mim! Por teus joelhos!

Hipólito

Por quê? se entendes nenhum mal ter dito!

Ama

Não era assunto que se divulgasse!

Hipólito

Se em segredo era bom, melhor em público!

Ama

Filho, não vás quebrar teus juramentos!

Hipólito

Juraram os meus lábios, não minha alma.

Ama

Tu queres desgraçar os teus parentes?

Hipólito *(cospe, com nojo)*

Criminosos não são parentes meus.

Ama

Perdoa; errar é natural no homem.

Hipólito (*desvencilha-se e afasta-se irritado, enquanto a Ama permanece prostrada, soluçando*).

Ó Zeus, por que alojaste em meio aos homens, sob a luz deste sol, o mulherio, esse flagelo desleal? Por quê? Para multiplicar a espécie humana, era escusado usares desse meio; bastava que levássemos aos templos um pagamento em ouro, ferro ou bronze, para comprar a prole, cada qual segundo a avaliação de sua oferta, sem mulheres em nossas moradias. Que a mulher é um flagelo desmedido posso provar; o pai que a gera e cria estabelece um dote a quem a leve, a quem o livre de tamanha praga; doutro lado, quem leva para casa essa perniciosa criatura se regala de ornar com atavios seu ídolo fatal e - desgraçado! - esgota seus tesouros a vesti-lo. Não escapa ao destino; se aliança com parentesco nobre o rejubila, a esposa lhe reserva o desencanto; se esta lhe agrada, mas levou com ela sogros inúteis, a felicidade mal dá para aliviar a desventura. Antes nada, ou então, sentada em casa, uma mulher simplória e, assim, inútil.

Odeio a inteligente; faço votos não entre em minha casa uma que saiba além do que convém a uma mulher. É antes nas espertas que Afrodite incula o pecado; as imbecis são preservadas dos desejos loucos pela curta extensão da inteligência. A mulher não devia ter em torno nenhuma serva e, sim, viver no meio de mudos animais, assim não tendo a quem dizer, de quem ouvir palavra. Mas, desgraçadamente, as más concebem seus maus projetos no interior dos lares e as criadas aviam-nos cá fora. Foi assim, miserável criatura, que vieste propor-me intimidade com a alcova intocável de meu pai! Para purificar-me dessa manceba, vou lavar meus ouvidos na água viva. Eu, que só de escutar tuas propostas, me considero impuro, como houvera de cair no pecado? Ouve, mulher: minha piedade é tua salvação; não fosse haver, desprevenidamente, jurado pelos deuses, eu por força contaria a meu pai toda essa trama. Por ora, deixo a casa pelo tempo que perdurar a ausência de Teseu e guardarei silêncio. Todavia, quero, ao chegar de volta com meu pai, ver como tu e mais tua senhora o haveis de olhar em rosto, sem embargo de já não ignorar tua impudência. Que morrais ambas! Eu jamais me farto de odiar as mulheres; pouco importa se acham que me repito sem cessar; elas tampouco cessam de ser más. Quem não quiser que eu sempre as espezinhe, que trate de ensinar-lhes a virtude.

(Sai)

Fedra

Mísera sina a das mulheres! Não há discursos nem ardis que o nó desatem da desgraça quando caímos. Fui punida. Ai, terra! Ai, luz! Por onde agora posso fugir a meu destino? Como esconder minha ruína? Que nume acode em minha ajuda? Que ser humano em meu pecado pode auxiliar-me ou dar-me a mão? Não poderei sobreviver à provação deste momento. Ai, que de todas as mulheres sou eu a mais desventurada!

Coro

Que lástima! Falharam as astúcias de tua serva e tudo ora vai mal!

Fedra

Ó perversa, ó ruína dos amigos, que me foste fazer? Oxalá Zeus, meu ancestral, te arranque e pulverize com o fogo de seu raio. Não te disse, como se adivinhasse os teus projetos, que guardasses segredo sobre as penas que agora me desonram? Tu, porém, não te soubeste dominar e agora, eu vou morrer sem glória! É necessário que forme novos planos; por meu dano, ele, irado, dirá ao pai teus erros, contará ao ancião Piteu os fatos, por toda a terra espalhará o escândalo! Que morras tu, que morram todos quantos queiram prestar a amigos, sem ouvi-los, serviços que enodoem sua honra!

Ama

Tens, senhora, o direito de exprobrar meus erros, mas a dor que te remorde ofusca-te a razão. Também eu tenho o que dizer, se tu mo consentires. Eu te criei e te amo; procurando a cura de teu mal, causei um dano que não buscava. Se não malograsses, haviam de gabar-me a competência, pois competência é obra dos sucessos.

Fedra

Depois de me ferires, achas justo que me contente com explicações?

Ama

Falei demais; fui imprudente, filha, mas tua salvação inda é possível.

Fedra

Oh! Basta! Teus conselhos foram erros e a empresa que tentaste, uma desgraça. Vai-te daqui cuidar da tua vida; da minha eu mesma disporei, e bem.

(A Ama sai em prantos.)

A vós, ó nobres filhas de Trezena, apenas um favor vos solicito: do que ouvistes aqui, guardai segredo.

Coro

Juro por Ártemis, a veneranda filha de Zeus, jamais trazer a lume rumor nenhum de tuas desventuras.

Fedra

Juraste bem. Examinando tudo, deveras descobri, neste infortúnio, um único expediente que assegure aos filhos uma vida sem desaire e a mim a salvação desta desonra. Somente por amor de minha vida não é que hei de infamar meu lar de Creta nem de encarar Teseu no meu pecado.

Coro

Planejas algum mal irremediável?

Fedra

Morrer; eu própria escolherei o meio.

Coro

Não profiras palavras agourentas!

Fedra

Se queres também tu aconselhar-me, que seja um bom conselho. Se hoje mesmo abandonar a vida, darei gosto a deusa Cípris, que me está perdendo; eu terei sucumbido a Amor cruel. Porém, inda serei, depois de morta, a ruína de alguém, para que saiba não se ufanar de minha desventura e aprenda a moderar o seu orgulho, sofrendo o seu quinhão nesta desgraça.

(Sai, amparada ao braço das servas.)

Segundo Estásimo

Estrofe primeira

Nas entranhas da terra inacessíveis

sepulta estar quisera,
ou que um deus me pusera,
transfeita em ave, num alado bando;
sobre as ondas adriáticas pairando,
sobre as águas do Erídano¹³ me alçara,
onde, chorando a Faetonte¹⁴,
donzelas infelizes,
sobre os cachões do rio que é seu pai,
abrem das lágrimas a fonte
e seu pranto tem do âmbar os matizes.

Antístrofe Primeira

Ah! quem me dera estar
no pomar das Hespéridas¹⁵ cantoras,
além do qual o rei do escuro mar
não mais o rumo ostenta
às naus viajoras,
mas fixa um termo ao céu, que Atlas sustenta;
ali corre de ambrósia um manancial
diante da câmara nupcial
do palácio de Zeus
e uma terra fecunda, fértil, rica,
a ventura dos deuses reduplica.

Estrofe Segunda

Nau cretense, nau de asa branquejante,
que, sôbre a onda marinha
agitada e bramante, transportaste a rainha
longe dos seus palácios opulentos
para o gozo de bodas sem ventura,
oh! sim! foi sob presságios agourentos
que, da terra de Creta o vôo alçando,
a celebrada Atenas demandaram;
sob maus sinais, de Múnico na praia
os bem trançados cabos amarrando,
aqui desembarcaram.

Antístrofe Segunda

Eram prenúncios do tremendo mal

¹³ O Rio Pó.

¹⁴ Filho do Sol, cujo carro quis guiar, não pode governar as parelhas e, após graves desastres, fulminado por um raio, precipitou-se nas águas do Pó. Suas irmãs, as Heliádes, de tanto o prantearem se transformaram em salgueiros.

¹⁵ Filhas de Hésperos, a estrela da tarde, habitavam, no Ocidente, um jardim maravilhoso.

que Afrodite lhe inspira, o amor pecado,
que o coração lhe despedaça;
submersa na desgraça,
num laço pendurado
ao teto de sua alcova nupcial
o alvo colo envolvendo,
a uma vida coberta
de vergonha odiosa,
preferirá, por morte gloriosa,
dum doloroso amor ver-se liberta.

Terceiro Episódio

Serva (dentro)

Céus! Céus! Vinde em socorro todos vós que perto do palácio
vos achais. Nossa rainha, a espôsa de Teseu, encontra-se
pendente dum barão!

Coro

Ai! consumou-se! É morta a soberana, pendente duma corda!

Serva (dentro)

Andai depressa! Que me tragam um ferro de dois gumes para
cortar o nó de seu pescoço.

Coreuta

Amigas, que fazer? Vamos entrar e livrar a rainha de seus
laços?

Outra coreuta

Por quê? A casa tem criados moços; é perigoso a gente
intrometer-se.

Serva (dentro)

Estendei de comprido o pobre corpo. Triste guardiã da casa
de meu amo!

Coro

Ao que ouço, a desditosa pereceu; já a estão estirando como
morta.

***Teseu (entra da esquerda com uma escolta; traz na frente
uma coroa de folhagens)***

Mulheres, que celeuma é essa em casa? O alarido das aias se ouve longe e as portas de meu lar não se escancaram para dar boas-vindas ao romeiro. Terá acontecido alguma coisa a Piteu? Sua idade é avançada; não obstante, que mágoa eu sentiria, se o visse abandonar esta mansão!

Coro

Não foi um velho que a fatalidade vitimou, ó Teseu; tu chorarás por alguém que perece em verdes anos.

Teseu

Ai de mim! Estão mortos os meus filhos?

Coro

Vivem, mas doravante, morta a mãe, somente avivarão tuas saudades.

Teseu

Morreu a minha esposa?! De que morte?

Coro

Ao laço duma corda pendurou-se.

Teseu

Por que motivo? Opressa de tristeza?

Coro

Mais não sei; mal chegando a teu palácio, eis-me a chorar, Teseu, teus infortúnios.

Teseu

Ai! Ai! Se sou romeiro malfadado, por que me coroar desta guirlanda.

(Lança de si a coroa)

Servos, abri-me a porta; destrancai-a, para que eu possa ver o triste quadro da esposa, que, morrendo, a mim me mata.

(Abrem e vê-se Fedra estendida no leito; um braço pende e a mão segura duas tabuinhas atadas por um cordão; Teseu afasta as aias que a rodeiam e abraça-se com a morta.)

Coro

Ai! desditosa, que desgraça a tua! Assaz sofreste, assaz fizeste para assolares o palácio! Ai! como foste ousada procurando um desfecho violento, numa aventura ímpia, num golpe doloroso de tuas próprias mãos! Quem foi, ó desditosa, que a vida te apagou?

Teseu

Ai de mim! como sofro! Foi esta, povo meu, a máxima das minhas desventuras. Ó destino, pesado te abateste sobre mim e meu lar, qual mancha misteriosa impressa por um gênio vingador; pior, como ruína que me torna impossível viver daqui por diante. Na minha desventura, contemplo um mar tão vasto de infortúnios, que nunca poderei salvar-me a nado, nem ao menos vencer esta vaga fatal que ora me assalta. Mulher infortunada, nem sei com que palavras definir teu destino cruel. Desapareces num salto impetuoso para o Hades, como escapa das mãos um passarinho! Ai, que dor! Ai! que triste sofrimentos! A sina que carrego vem de longe; é castigo infligido pelos deuses aos desvairados de algum dos ancestrais.

Coro

Senhor, não és o único a sofrer; semelhante desgraça; muitos outros perderam, como tu, a esposa amada.

Teseu

Quero, infeliz, descer contigo, morto, à morada das trevas subterrâneas, pois que perdi a tua companhia, que mais que tudo amava; tu, morrendo, a mim mais que a ti mesma aniquilaste. A quem devo escutar, para que saiba donde, pobre mulher, partiu o golpe que, mortal, te feriu o coração? Vai-me alguém relatar o sucedido, ou é em vão que esta mansão real abriga a multidão de servos meus? Ai de mim! que infeliz de mim fizeste! Que dor insuportável e indizível deparei no palácio! Já não vivo! Tenho a casa deserta e os filhos órfãos! Ó minha amada, tu me abandonaste! Abandonaste-me, ó melhor de quantas mulheres alumia a luz do sol e o resplendor das noites consteladas!

Coro

Ai! ai! infortunado! Que imensa desventura encerra teu palácio! Tua desdita inunda-me de lágrimas os olhos; porém, a provação que vai seguir a esta há muito me amedronta.

Teseu (notando as tabuinhas, ergue-se)

Mas, oh! vejo pender de sua mão uma mensagem. Que será? Talvez queira anunciar-me novos infortúnios? Ou quiçá me escrevesse - pobrezinha! - sobre a sorte dos filhos, receosa dum novo casamento. Tranqüiliza-te, ó desditosa, pois esposa alguma jamais penetrará na minha alcova nem na minha mansão. Mas eis que o timbre do anel de ouro da morta está chamando minha atenção.

(Toma nas mãos as tabuinhas.)

Coragem! Desatemos o cordão do sinete, para vermos que recados encerram as tabelas¹⁶.

(Rompe o selo e desenrola lentamente o cordão, relutando em ler a mensagem.)

Coro

Ui! Ui! A divindade vai juntar um novo golpe à série. Após tudo que se passou, só resta a perspectiva duma sina de vida insuportável. Posso dar por extinta - oh! que tristeza! - a casa de meus amos. Acabou-se. O nune, se é possível, não assoles a casa! Escuta a minha prece, que, em face dos agouros, como se fosse um vate, antevejo desastres.

Teseu

Ai de mim! Que desdita insuportável, indizível, as outras se acrescenta! Desgraçado que sou!

Coro

Do que se trata? Dize, se é coisa que saber-se possa.

Teseu

Clama a tabela, clama horrores execrandos. Onde fugir ao peso de minhas desventuras? Eu me vou desta vida! Que endeixa vi, que endeixa - ai! mísero que sou! - entoada na mensagem!

Coro

Ai! as tuas palavras se apresentam como capitaneando hordas de males!

¹⁶ Escrevia-se em tabelas ou tabuinhas cobertas de cera.

Teseu

Já não posso conter no limiar dos lábios o mal insuperável que me arrasta à ruína. Ah! povo meu! Hipólito atreveu-se a violar pela força meu tálamo nupcial, sem respeito ao supremo olhar de Zeus. Portanto, ó Posidão, tu que és meu pai e um dia me outorgaste três desejos, ouve o primeiro e mata-me esse filho! Se são certos os votos outorgados, que não possa escapar ao dia de hoje!

Coro (horrorizada)

Pelos deuses, meu rei, retira a praga! Dia virá em que hás de compreender que cometeste um erro; dá-me ouvidos.

Teseu

Não retiro; demais, vou desterrá-lo para que o fira um de dois destinos: ou Posidão, cumprindo o meu desejo, morto o enviará para a mansão de Hades, ou, expulso daqui, há de, no exílio, errante, consumir a vida em dores.

Coro

Bem a propósito, eis que surge Hipólito; é teu filho em pessoa. Ó rei, aplaca tua daninha cólera e resolve o que melhor convenha a tua casa.

Hipólito (entra com pequena escolta)

Ouvi teus brados, pai, e vim a pressa. Não sei o que lastimas neste instante; quero ouvi-lo de ti. Mas, oh! que houve? Vejo morta, meu pai, a tua espôsa?! Minha surpresa é imensa! Ainda há pouco, quando a deixei, podia ver a luz! Que se passou com ela? De que modo veio a morrer? Quero de ti ouvi-lo. Meu coração, ansioso de saber, mesmo ante uma desgraça não disfarça sua ansiedade. Porém, tu te calas? De que serve o silêncio no infortúnio? Aos amigos, meu pai, aos mais que amigos não é justo que ocultes teus reveses.

Teseu

Ó homens, vós, que tantos erros vãos viveis a cometer, vós, que ensinais ciências incontáveis, vós, que tudo descobris e inventais, por que será que uma coisa ignorais, nem buscais nunca aprender, que é ensinar sabedoria àqueles que carecem de razão?

Hipólito (consternado)

Muito hábil esse mestre que imaginas para ensinar os néscios a pensar; mas não vêm a propósito, meu pai, tais sutilezas; temo que estes males te induzam a exceder-te nas palavras.

Teseu

Mister seria que os mortais tivessem uma prova segura da amizade e o poder de enxergar, nos corações, qual o amigo sincero e qual o falso! Deviam ter os homens duas vozes; uma, a da retidão, e outra qualquer; assim, a que servisse em seus malfeitos seria confundida pela honesta e nós nunca seríamos logrados.

Hipólito

Estou estupefato! Teus discursos, tão fora do lugar, tão desgarrados da razão, causam pasmo. Por acaso me haverão caluniado a teus ouvidos, lançando a culpa em mim, que nada fiz?

Teseu

Até que ponto irá o orgulho humano? Que limites encontra arrojo e audácia? Se a cada geração vai engrossando, se as mais novas superam em maldade as precedentes, hão de ter os deuses de juntar a este mundo um outro mundo, retiro dos facínoras, dos maus. Olhai este homem, que, de mim nascido, maculou o meu leito e cuja extrema baixeza a extinta acusa claramente. Tu, que não recuaste ante a ignomínia, vem aqui, frente a frente, olhar teu pai!

(Hipólito aproxima-se; Teseu, com sarcasmo, fitando-o:)

Então, és tu esse mortal egrégio que goza de convívios celestiais? Tu o ser virtuoso, o intemerato? Teus alardes não podem convencer-me de tamanha ignorância nas deidades. Vai, glorifica-te, abre uma taverna vegetariana especializada! Toma Orfeu para mestre, cai num transe em honra aos fumos da sabença enorme, apesar de eu te haver desmascarado! Eu recomendo a todos que se guardem de gente como tu, dada a caçadas e a palavras pomposas, que, no entanto, alimenta propósitos infames. Ela morreu; esperas dessa morte a tua salvação? Pois isso mesmo é o que mais te condena, miserável! Que juramento pode inocentar-te? Ou que argumentos podem mais que a morte? Dirás que te odiava e que um bastardo é sempre guerreado dos legítimos; então, ela vendeu barato a vida, imolando o que tinha de mais caro à tua antipatia? Alegarás que é inato na mulher o amor insano, de que o

homem é imune? Bem sei eu que não devemos confiar nos moços mais do que nas mulheres, quando Cípris lhes revolve no peito a juventude. E bem lhes aproveita o serem homens! Mas que estou eu a argumentar contigo, diante da morta, a prova mais segura? Exila-te quanto antes desta terra; não para Atenas, que imortais fundaram, nem a país sujeito à minha lança! Se, após o que sofri de tua parte, me embrandecer por ti, Sínis¹⁷ do Istmo dirá que não morreu sob os meus golpes, que me glorio em vão, e a penedia costeira de Cirão há de negar o terror que eu inspiro aos criminosos.

Coro

Não sei como dizer que entre os mortais exista alguém feliz, quando estou vendo as mais altas fortunas derrubadas.

Hipólito

Tremenda é a cólera que tumultua em teu peito, meu pai; mas se este assunto se presta a belos lances de eloquência, é desairoso em público. Por mim, não sei falar perante a multidão; sou mais capaz entre os da minha idade, ante pequenos grupos. Os talentos divergem também nisto; os oradores que entre sábios não passam de medíocres são os mais eloqüentes ante as massas. Contudo, a desventura que me atinge obriga-me a falar extensamente. Tomarei como ponto de partida tuas primeiras insinuações. Disseste que me havias de arrasar e que me deixarias sem resposta. Enxergas esta luz? Vês esta terra? Nelas não há, por mais que o negues, homem mais virtuoso que eu, pois aprendi primeiramente a venerar os deuses e a manter amizade com pessoas que, longe de tentarem a maus atos, teriam pejo de solicitar ou prometer ajuda aos companheiros em ações condenáveis ou ignóbeis. Não ludibrio, pai, os meus amigos; ausentes ou presentes, sou o mesmo. De um mal estou isento, o de que julgas haver-me surpreendido agora em culpa; mantenho este meu corpo sem a mancha dos prazeres do leito até agora; deles apenas sei por ter ouvido, ou por ter visto quadros, que não gosto de contemplar porque minha alma é virgem. Ora, talvez não logre convencer-te de minha castidade; a ti compete demonstrar como, enfim, me depravei. Acaso ela vencia em formosura a todas as mulheres? Ou nutria eu a esperança de te herdar o reino, se herdasse previamente a tua esposa? Houvera de ser louco, inteiramente desprovido de senso. Argüirás que é agradável reinar. Não para um sábio; o poder aniquila o são juízo nos mortais que seduz com seus encantos. O primeiro lugar a que

¹⁷ Sínis e Cirão eram bandoleiros que Teseu, nas suas aventuras, havia morto.

aspiro é nos jogos atléticos da Grécia; na cidade me basta ser segundo, gozando da amizade da nobreza; liberdade de ação, ausente o risco, dá muito mais prazer do que o reinado. Inda não disse um último argumento, pois tudo mais ouviste;

(Indicando a imagem de Ártemis)

se eu tivesse alguém para atestar o meu caráter e contra Fedra viva debatesse, tu poderias, escrutando os fatos, conhecer o culpado. Todavia, eu te juro por Zeus dos Juramentos e pelo chão da terra, que jamais violei o teu leito, nem o quis, nem sequer concebi tal pensamento. Possa eu morrer obscuro e sem renome, sem país e sem lar, êxul e errante que nem o mar acolha o meu cadáver, nem a terra, se tenho alguma culpa! Se ela de medo se matou, não sei; dizer mais do que disse não me é lícito. Ela se houve, afinal, com mais prudência do que podia, ao passo que eu não soube usar minha prudência com proveito.

Coro

Para afastar de ti a acusação, disseste quanto basta; tu juraste pelos deuses, penhor o mais potente.

Teseu

Feiticeiro e impostor, eis o que é ele, que espera dominar a minha cólera pela brandura, após haver manchado a honra de seu próprio genitor.

Hipólito

Eis ó que em ti, meu pai, mais surpreende; se foras tu o filho e eu fora o pai, em vez de condenar-te a mero exílio, havia de matar-te, caso cresse que houvesse violado a minha esposa.

Teseu

Que esplêndida sentença pronunciaste! Não! não hás de morrer pela maneira que tu próprio escolheste; a morte pronta é suave demais para um sacrílego. Não! Expulso daqui, hás de, no exílio, errante, consumir a vida em dores. Assim é que se paga um sacrilégio.

Hipólito

Pobre de mim! que vais fazer? Nem mesmo esperarás que o tempo te esclareça a meu respeito e já daqui me expulsas?

Teseu

Sim, para além do Ponto, para além das fronteiras do Atlas, se eu pudesse, tão odiosa me é tua presença.

Hipólito

Não ouves minhas juras, nem as provas? Não consultas sequer os adivinhos? Vais tu me desterrar sem julgamento?

Teseu

Merece minha fé a acusação desta mensagem, que dispensa as sortes; e quanto aos pássaros que vão e vêm sobre nossas cabeças, para o inferno!

Hipólito

Por que, ó deuses, não desato a língua? É porque vos venero que me perco. Mas não! quebrara em vão meus juramentos, sem convencer aquele a quem devia.

Teseu

Ai! a tua altivez inda me acaba! Parte quanto antes! Sai da terra pátria!

Hipólito

Para onde, infeliz! hei de voltar-me? Exilado por esta acusação, em que lar poderei achar guarida?

Teseu

No de quem se compraza em ter por hóspede e guardião da família um rufião.

Hipólito

Ai! Isto é o que me fere fundo o peito: que eu pareça um vilão e tu o creias!

Teseu

Tu devias gemer quando ultrajaste a esposa de teu pai e não agora.

Hipólito

O palácio, se voz te fosse dada, puderas atestar minha inocência!

Teseu

Bem andas quando invocas testemunhas que não podem falar! Não são palavras, são fatos que teu crime denunciavam.

Hipólito

Ah! se eu pudesse estar diante de mim, o quadro dos tormentos que padeço de meus olhos faria correr lágrimas.

Teseu

Naturalmente! Estás habituado ao culto de ti mesmo, muito mais do que à veneração aos pais devida.

Hipólito

Mãe infeliz! O parto de amarguras! Não desejo a nenhum de meus amigos o destino cruel do filho espúrio.

Teseu

Escravos, arrastai-o para fora. Não ouvistes há muito a minha ordem, que fez dessa pessoa um estrangeiro?

Hipólito *(puxando duma adaga, faz recuar os escravos)*

Se um deles me tocar, é por seu dano! Enxota-me tu mesmo, se o quiseres.

Teseu

É o que farei, se não me obedeceres. Pena alguma me inspira o teu exílio.

Hipólito

A decisão parece inabalável. Pobre de mim, que sei toda a verdade, mas não de que maneira a revelar.

(À imagem de Ártemis:)

Filha de Leto, ó deusa a mais amada, amiga e companheira de caçadas, eis-me banido, pois, da ilustre Atenas! Adeus, cidade e terra de Erecteu! Planície de Trezena, onde é tão doce passar a mocidade, adeus! Aceita meu derradeiro olhar de despedida. Moços da terra, amigos, coetâneos, vinde dizer-me adeus, vinde escoltar-me às raias do país, certos que nunca, em que pese a meu pai, vereis um outro cultivar a virtude mais do que eu.

(Sai, seguido da escolta; fecha-se a porta do palácio.)

Terceiro Estásimo

Estrofe Primeira

Como é grande a divina providência!
Não há dor que não cesse
quando nela medito.
Porém, a fé na suma Inteligência
em minha alma arrefece
toda vez que reflito
sobre os vaivéns da sorte
e as humanas ações.
Quanta reviravolta! A nossa vida
vaga sem norte
em meio a eternas mutações.

Antístrofe Primeira

Que os deuses ouçam minhas orações
e me seja outorgada
fortuna prósperae alma não manchada
da nódoa de aflições;
minha norma de vida
não seja demasiado rigorosa
nem por um cunho falso fementida;
meus singelos costumes variando
de vez em quando,
goze eu duma existência venturosa.

Estrofe Segunda

A surpresa abalou no meu espírito
as idéias serenas,
quando a estrela mais fúlgida da Hélade,
quando o astro de Atenas
vi que era expulso pelo pai em cólera
para terras estranhas.
Ó areias das praias da cidade!
Carvalhais das montanhas,
onde, ajudado de seus cães velozes
e seguindo a Dictina,
caçadora divina,
exterminava os animais ferozes!

Antístrofe Segunda

Não mais, subindo à biga
de potros vênets tirada,
dominarás o hipódromo de Limna
com o tropel da parelha exercitada.
Tua voz sem fadiga
não mais no lar paterno há de cantar
ao som da lira,
nem a filha de Leto há de encontrar,
quando ao repouso se retira
no seio dos verdores, as capelas.
E, após o teu exílio, não mais
contenderão donzelas
pelos teus esponsais.

Epístrofe

De prantos encherá minha existência
tua infelicidade.
E tu, ó mãe infortunada,
tua maternidade
assim viste frustrada!
Ai! Contra os deuses me revolto!
Ó Graças, vós, que as bodas presidis,
por que o mandais para o desterro,
longe do lar e do país, se não tem culpa neste erro?

Êxodo

Coro

Mas vejo alguém do séquito de Hipólito, avançando a caminho
do palácio, passo ligeiro e cenho carregado.

Mensageiro (*entrando*)

Onde posso encontrar, minhas senhoras, Teseu, rei desta
terra? Se o sabeis, dizei-me. Acaso dentro da mansão?

(Entreabre-se a porta e sai Teseu.)

Coro

Ei-lo que vem saindo do palácio.

Mensageiro

Venho trazer, Teseu, uma notícia que pesará a ti e aos cidadãos de Atenas e da terra de Trezena.

Teseu

Acaso algum flagelo inesperado as cidades irmãs terá ferido?

Mensageiro

A bem dizer, Hipólito morreu. Inda contempla a luz, porém exala os derradeiros hálitos de vida.

Teseu

Quem o matou? Talvez alguém que o odeia, por lhe ter, como ao pai, violado a esposa?

Mensageiro

Causou-lhe a morte a sua carruagem e mais a maldição com que invocaste contra teu filho o deus do mar, teu pai.

Teseu (alegre)

Ó deuses! Posidão, que és certamente o meu pai, pois meus rogos atendeste! Dize: como correu? de que maneira a clava da Justiça se abateu sobre aquele que ousara desonrar-me?

Mensageiro

Perto da praia que as maretas lavam, estávamos passando as almofaças na crina dos cavalos e chorávamos porque nos anunciara um mensageiro que ele não volveria mais os passos para o nosso país, pois tu o havias condenado ao degredo. Ao nosso pranto ele em pessoa veio unir o seu; seguiam-no em cortejo numerosos companheiros da mesma geração. Por fim, contendo os seus gemidos, disse: "Por que entregar-me assim ao desespero? Devo cumprir as ordens de meu pai. Atrelai, servos meus, minhas parelhas; já não sou cidadão deste país." Toda gente se pôs em movimento e, em menos tempo que a contar se gasta, lhe chegamos as éguas arreadas. Firmou no encavo os pés, tomou as rédeas do rebordo e em seguida orou assim, com as mãos estendidas para os deuses: "Ó Zeus, possa eu morrer se sou ruim e, eu morto ou contemplando a luz, meu pai se dê conta de quanto assim me ultraja." Apanhou o agulhão e dum só golpe ativou as parelhas; nós, os servos, seguimos nosso amo, junto às bridas, ao pé da carruagem, pela estrada que vai direta de Argos a Epidauro. Estávamos entrando num deserto, para além da fronteira, onde as

escarpas já do Golfo Sarônico se acercam, quando um fragor, qual um trovão de Zeus, rugiu sob nossos pés profundamente, horripilantemente; retesando as orelhas, as éguas levantaram para o céu a cabeça. Apavorados, buscávamos a origem do estampido; lançando nossas vistas para a escarpa onde bramava o mar, vimos erguer-se aos céus um vagalhão prodigioso, que nos cobria a costa de Cirão bem como o Istmo e o penhascal de Asclépio. Depois, inchado, derramando em torno cachões de espuma, entre rugidos, veio sobre a costa ao encontro da quadriga. No tumulto da vaga tresdobrada, arrevestou um touro, um monstro fero, e um mugido medonho reboou por toda aquela terra; foi um quadro que os olhos não puderam suportar. Logo o terror se apossa das parelhas. Meu amo, afeito à lida dos cavalos, às rédeas agarrado, pende o corpo, como um marujo ao remo, para trás, sobre as correias; todavia, as éguas tomam nos dentes os forjados freios, arrojam-se impetuosas, descuidadas das mãos de seu piloto, dos arreios e da bem ajustada viatura. Se ele, ao timão, endireitava o curso para terreno fofo, aquele touro enfrentava as parelhas, que rodavam loucas de medo; se elas, ao contrário, fora de si, se punham para as fragas, quieto as seguia ao lado da boléia. Por fim, jogando a camba contra as penhas, o carro tomba, rodas para o ar. Tudo se confundiu; voaram longe cubos de rodas e chavetas de eixo. Preso nas rédeas, o infeliz Hipólito, arrastado num laço inextricável, moía nos penhascos a cabeça, as carnes lacerava e dava gritos horrorosos de ouvir: "Parai, ó éguas de meus haras, parai; não me acabeis! Imprecações funestas de meu pai! Quem se dispõe a me trazer ajuda, a socorrer dos homens o mais digno?" Muitos queríamos, porém ficávamos para trás, superados na corrida. Por fim, solto dos laços não sei como, jazeu caído; ainda lhe restava um hálito de vida. As parelhas e o touro monstruoso e desastrado sumiram-se nas penhas, não sei onde. Sou, é verdade, escravo em tua casa, mas nunca, meu senhor, serei capaz de acreditar que seja mau teu filho, ainda que se enforcem as mulheres todas do mundo, e todo o pinho do Ida¹⁸ se cubra de mensagens, tão seguro estou de que êle é homem impoluto.

Coro

Ai! novas desventuras acontecem! Não há fugir da sorte e do destino.

¹⁸ Montanha da Frígia, célebre por seus pinhais.

Teseu

Por ódio ao homem que sofreu tais males, cheguei mesmo a folgar com a notícia. Mas agora, em respeito às divindades e a ele, que, afinal, nasceu de mim, nem me alegra nem pesa esta desgraça.

Mensageiro

E agora? Havemos de trazer aqui o infortunado? ou que fazer com ele sem incorrerem em teu desagrado? Reflete, mas, se aceitas um conselho, não serás duro com o inditoso filho.

Teseu

Trazei-o. Quero ver com os meus olhos o que nega meu leito haver manchado, e confundi-lo com a contraprova dos eventos que os deuses ordenaram.

(O Mensageiro parte.)

Coro (orando à imagem de Cípris.)

Tu reges, Cípris, os corações do nume indócil e do mortal; tu, mais aquele que nos envolve, de asas ligeiras e multicores, que cruza os ares por sobre a terra e as ondas salsas e marulhosas.

O Amor embruxa e põe em delírio os corações, quando alça o seu vôo, plumas douradas a cintilar, para um ataque a feras monteses, seres marinhos, tudo que nutre a terra aos olhos do sol ardente, também os homens. Tu só, tu, Cípris, tens o domínio de todo ser.

Voz

Nobre filho de Egeu, convido-te a escutar-me. Sou Ártemis, a filha de Leto, que te chamo. Por que, infeliz Teseu, te rejubilas? Deste morte sacrílega a teu filho; a mensagem falaz de tua esposa te fez acreditar no que era incerto e agora tens tua desgraça certa. E não vais esconder tua vergonha afundando na terra até o Tártaro? Ou, mudando de espécie, não te evolas fugindo da miséria pelos ares? Já não debes prover a tua vida entre os homens de bem! Eis, Teseu, um balanço de teus males. Deveras, não adianta e te magoa, mas venho tornar claras a inocência da alma de teu filho, cuja morte quero glorificar, e a paixão louca - ou nobreza, talvez - de tua esposa. Sim, pois, pungida do aguilhão da deusa que entre os seres divinos mais odiamos quantas nos comprazemos em ser virgens, estava apaixonada de teu filho. Tentou com a razão vencer a Cípris, mas sucumbiu, mau grado seu, às artes da ama, que a teu

filho, sob penhor de juramentos, tudo revelava. Ele, por ser honesto, repeliu as propostas da ama e, por piedoso, não traiu o segredo que jurara, mesmo quando o trataste ignobilmente. Temendo a convicção de seu pecado, Fedra compôs essa falaz mensagem, que arruinou a vida de teu filho. Era um embuste e nele acreditaste.

Teseu

Que desventura a minha!

Voz

Meu relato te morde o coração, Teseu? Pois cala-te, porque, depois de ouvires o restante, gemerás inda mais. Como bem sabes, três votos infalíveis por teu pai te foram outorgados; um, ó mísero, que podias lançar sobre inimigos, tu fizeste-o cair sobre teu filho. Teu pai, o deus do mar, cumpriu teu voto, no que andou bem, pois era uma promessa. Mas a seus olhos, tanto quanto aos meus, és criminoso, pois sem esperares as provas, sem ouvires adivinhos, nem indagares, dares tempo ao tempo, te apressaste a lançar a imprecação sobre teu filho e a morte lhe causaste.

Teseu

Senhora, que eu pereça!

Voz

Cometestes um crime horrendo; todavia, podes ainda obter perdão. Porque foi Cípris quem desejou que tudo acontecesse, para saciar a cólera. Entre os deuses é norma, quando algum nutre um desejo, ninguém se opor, e sempre nos abstermos. Pois - saibas - eu jamais suportaria, se não temesse a Zeus, a humilhação de consentir que morra quem mais quero dentre os seres humanos. O primeiro argumento a amparar-te é a ignorância, que exime de maldade a tua falta; depois, a morte da mulher tolhia as acareações, que poderiam elucidar-te o juízo. A maior vítima és tu de quantos males desabaram, mas também sobre mim calou a dor; os deuses não se alegram quando morrem os homens pios; ao contrário, os ímpios com seus filhos e casas destruímos.

(Ouve-se fora vozearia crescente.)

Coro

Aí vem o inditoso, malferido por todo o tronco e na cabeça loura! Ó casa sofredora! Os deuses lançam dobrado luto sobre este palácio!

Hipólito (*trazido numa padiola pelos da escolta.*)

Ai! que desgraça a minha! O iníquo vaticínio de iníquo pai me arrasa! Estou morto, ai de mim! Cruzam minha cabeça pontadas lancinantes e por todo o meu cérebro tripudiam espasmos! Pára! meu corpo exausto quer repouso. Uh! Amaldiçoadas parceiras, que minhas mãos nutriam, destes cabo de mim! Vós me matastes! Ai! Pelos deuses - ai! - de leve, servos, com essas mãos neste meu corpo em chagas!

(*Depositam a padiola.*)

A meu lado direito, quem está? Soerguei-me com jeito, movei sem sacudir o desgraçado que um pai em desvario amaldiçoou. Zeus, Zeus! Vês isto? Aqui estou eu, o austero, que os deuses adorava, que a todos superava na virtude, a vida inteiramente destruída, a caminho do Hades, que vislumbro. Foi em vão que aturei perante os homens as mortificações da piedade!. Ai que dor! Ai que dor me deu agora! Pousai este infeliz! Que a morte venha em meu socorro! Oh! acabai, matai o desgraçado! Que me dera uma espada de dois gumes, que me fizesse em postas e pusesse a dormir a minha vida! Imprecação funesta de meu pai! Provém esta desgraça, que sobre mim desaba de improviso, duma nódoa de sangue da família, de recuados ancestrais. Por que sobre o inocente, de mal nenhum culpado? Ai de mim! Que dizer? Como libertarei a minha vida destes padecimentos impiedosos? Oxalá adormeça este infeliz na sombra inevitável do Hades tenebroso!

Voz

Coitado! A que infortúnios te ajoujaste! Tua nobreza de alma te perdeu!

Hipólito (*reanimado*)

Olá, aroma de hálito divino, meus males não impedem que te sinta aqui presente, e as dores se me abrandam. Está neste lugar a deusa Ártemis?

Voz

Está, sim, desditoso, a deusa amada.

Hipólito

Senhora, vês meu lastimoso estado?

Voz

Vejo, porém o pranto me é vedado.

Hipólito

Teu caçador se vai, vai-se o teu servo...

Voz

A morte não põe termo a esta amizade.

Hipólito

... o auriga, o guardião de tua imagem.

Voz

Cípris, a criminosa, assim decreta.

Hipólito

Ai! bem sei qual o nume que me mata.

Voz

Tu, negando-lhe culto, a ofendias e a tua castidade a exacerbava.

Hipólito

Ela é uma só e somos três as vítimas.

Voz

Sim, tu, teu pai e mais a sua esposa.

Hipólito

Que lástima a desdita de meu pai!

Voz

Cípris o confundiu com suas tramas.

Hipólito

Como sofres, meu pai, nestas desgraças!

Teseu

Filho, é meu fim! Já não me alegra a vida!

Hipólito

Lamento mais teu erro que o meu dano.

Teseu

Oh! pudesse eu morrer em teu lugar!

Hipólito

Que dons cruéis de Posidão, teu pai!

Teseu

Quem dera nunca aos lábios me viessem!

Hipólito

Por quê? Tu me haverias trucidado, tão encolerizado então estavas.

Teseu

Tinham-me os deuses transtornado a mente.

Hipólito

Que pena não estarem as deidades ao alcance de nossas maldições!

Voz

Deixa estar; essa cólera de Cípris contra tua virtude e piedade não há de desabar sobre teu corpo, até na escuridade subterrânea, impunemente, a seu talante, que eu, com minhas próprias mãos, hei de vingar-te abatendo o mortal¹⁹ que ela mais ame com os tiros certos de meu arco. Tu, infeliz, terás em recompensa destes padecimentos, os maiores tributos na cidade de Trezena; as virgens noivas, antes de casarem, cortarão as madeixas em tua honra e colherás, também, por todo o sempre, uma messe de lágrimas copiosas; serás eternamente a inspiração de cantos virginais, nem há de nunca pesar o olvido sobre o amor de Fedra. Filho do velho Egeu, toma nos braços teu filho e estreita-o; tu, se o mataste, não foi por teu querer; humano é errar quando os deuses consentem. Tu, Hipólito, não odeies teu pai; sabes agora por que fatalidade pereceste. Adeus! É-me vedado ver um morto, meus olhos macular do último alento, e vejo que já dele te avizinhas.

Hipólito

Parte com meu saudar, deusa donzela; que não te pese muito abandonares nosso longo convívio. Ao pai perdão todo o mal que me fez; assim o queres e sempre me curvei a teus mandados. Ai!

¹⁹ Adônis, mas este pereceu ferido por um javali.

as trevas já cobrem os meus olhos. Toma-me, pai, compõe este meu corpo.

Teseu

Ai! que fazes, meu filho, a este inditoso?

Hipólito

Estou morto; vislumbro as portas do Hades.

Teseu

E vais deixar a nódoa na minha alma?

Hipólito

Não, pai, pois que te absolvo desta morte.

Teseu

Que dizes? Tu me absolves de teu sangue?

Hipólito

Que Ártemis frecheira o testemunhe.

Teseu

Quão generoso, meu amado filho, te demonstraste para com teu pai!

Hipólito

Roga aos céus que nos outros, os legítimos, igual nobreza possas encontrar.

Teseu

Que coração piedoso e nobre o teu!

Hipólito

A ti também, meu pai, o meu adeus.

Teseu

Resiste, filho meu! Não me abandones!

Hipólito

A minha resistência se extinguiu; estou morto, meu pai. Não te demores a cobrir o meu rosto com o manto.

(Expira.)

Teseu *(fecha-lhe os olhos e vela a face com o manto.)*

Terra ilustre de Atenas e de Palas, que herói perdeste! Que infeliz sou eu! Como hei de ter presentes na lembrança, divina Cípris, tuas crueldades!

(Segue, abatido, o cortejo dos servos que conduzem a padiola para dentro.)

Coro

Pesa à cidade inteira o luto inesperado, que torrentes de pranto fará desencadear; os casos lastimáveis das famílias reais demoram a esquecer.

(Ao som de flautas e ao ritmo dolente dos timbales, o Coro segue o cortejo, numa dança fúnebre.)

FIM